



AVALIAÇÃO SOBRE A MEDIAÇÃO DAS GUIAS NA SALA DE EXPOSIÇÃO DE PALEONTOLOGIA DO MUSEU DOM JOSÉ (MDJ) – SOBRAL/CE

JARBAS DE NEGREIROS PEREIRA MARIA EUDANILA SOUZA ARAÚJO NATHALIA
DA SILVA ARAÚJO

RESUMO

O Museu Dom José (MDJ) destaca-se atualmente com o maior tombo artístico e histórico do Ceará e considerado o 5º do Brasil em arte sacra e arte decorativa. Ele possui em suas dependências uma sala de exposição de fósseis, contendo cerca de 3 mil peças incorporadas na coleção. O objetivo deste trabalho foi de observar, sistematizar e avaliar a mediação feita pelas guias na sala de paleontologia do Museu Dom José (Sobral). Já com relação a metodologia, a pesquisa é do tipo qualitativa, onde foram feitas observações, sistematização e avaliação as mediações feitas na sala de exposição de fósseis do Museu. Como resultados foi percebido que a mediação na sala de paleontologia não era sistematizada, não seguindo um “roteiro” de apresentação da exposição, sendo perceptível uma certa aleatoriedade quanto a sequência lógica. Não havia um documento norteador que orientasse a mediação nesta sala, o que ocasionava em mediações diferentes de acordo com cada guia que conduzia. Com relação a avaliação, foi considerada como *ótimo (5)* os seguintes pontos: segurança na condução das turmas, a entonação de voz e controle do tempo; como *razoável (3)*, tem-se os pontos: domínio do conteúdo, linguagem, sequência lógica da exposição e domínio do conteúdo. Na questão da interação com o público, foi avaliado como *ruim (2)* e finalmente a fundamentação teórica, foi avaliado como *Muito Ruim (1)*. Conclui-se com este trabalho sobre a importância de se fazerem observações com objetivos sobre as mediações realizadas, através delas constatou-se algumas limitações com relação a mediação na sala de exposição do Museu. Primeiro que não havia uma sistematização da prática pedagógica da mediação na sala de paleontologia, sendo elas assistemáticas bem como de acordo com a avaliação realizada, foi identificado limitações no campo da formação continuada das guias. Por fim, abre-se perspectivas de trabalhos futuros, tanto para o Museu Dom José, nas reflexões da mediação de outras salas, já que cada sala de exposição possui suas peculiaridades, necessitando de práticas adequadas e coesas, quanto para outros Museus do Brasil que especialmente contenham uma sala de exposição de paleontologia para que possam refletir sobre a mediação neste tipo de exposição e sobre suas formações continuadas.

Palavras-chave: Museu; Paleontologia; Exposição de fósseis

1 INTRODUÇÃO

No início do século XX, durante o apostolado do Pe. José Tupinambá da Frota em Sobral, ocorreu um incentivo às instituições educacionais, culturais, sociais e religiosas, entre elas o Museu Diocesano, que só em 1971 foi inaugurado ao público, agora sendo denominado Museu Dom José (MDJ), este, destaca-se atualmente com o maior tombo artístico e histórico do Ceará e considerado o 5º do Brasil em arte sacra e arte decorativa (GIOVANA, 2007).

Não obstante, o Museu tem-se destacado ainda com pesquisas paleontológicas principalmente com o foco na região norte do Estado do Ceará, possuindo em suas

dependências uma sala de exposição e um Laboratório de Paleontologia da UVA (LABOPALEO), contendo cerca de 3 mil peças incorporadas na coleção (VIANA, 2018).

Desta forma, afim de promover um espaço de lazer e conhecimento, o Museu tem promovido abordagens educacionais referentes a paleontologia, que segundo Viana et al. (2013) “as ações educativas são desenvolvidas nesse espaço a partir de estratégias variadas com o objetivo de divulgação e popularização científica, através da utilização dos fósseis”, como por exemplo: ações museológicas, visitas guiadas na sala de paleontologia, oficinas pedagógicas, palestras, performances teatrais e exposições temporárias e itinerantes.

Com relação ao tempo das visitas, cada apresentação dura, aproximadamente, 2 horas e para a sala de paleontologia destina-se em média 10 minutos. Ressalta-se que o Museu possui 36 salas, então o tempo é extremamente relevante quanto ao seu cumprimento, a fim de proporcionar uma experiência de lazer e educacional leve, agradável e rica em conhecimentos.

Neste trabalho, o objeto de pesquisa, foi convergido para as visitas guiadas na sala de paleontologia, mais especificamente, para a mediação feita pelas guias. Mediante ao exposto, objetivou-se com relato de experiência, observar, sistematizar e avaliar a mediação feita pelas guias na sala de paleontologia do Museu Dom José (Sobral).

2 MÉTODO

A pesquisa ocorreu nas dependências do Museu Dom José (MDJ), na cidade de Sobral, caracterizando-se como uma pesquisa de um cunho qualitativo. Segundo Neves (1996), estas pesquisas buscam entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação a qual está sendo estudada e a partir daí designar interpretações a respeito dos dados coletados.

Primeiramente, fez-se observações simples sobre inúmeras mediações feitas pelas guias na sala de paleontologia. Posteriormente as mediações foram sistematizadas, haja vista que as guias não dispunham de documentos norteadores que embasassem a mediação da sala de paleontologia.

E por fim, avaliou-se a mediação feita pelas guias, tomando como base alguns critérios que foram organizados de acordo com o próprio autor que julgou serem critérios essenciais para a mediação na sala de paleontologia, a saber: sequência lógica da exposição, segurança na condução de turmas, atualização e alinhamento pedagógico, linguagem, fundamentação teórica, entonação de voz, controle do tempo, domínio do conteúdo e interação com o público.

Para isso foi utilizado uma escala de graduação, geralmente composta de cinco graus, sendo que o central corresponde a uma posição indefinida, apresentando um contínuo de atitudes possíveis em relação a determinada questão que indicam maior ou menor favorabilidade. (GIL, 2008). Desta forma foram elencados cinco níveis, sendo eles: *Ótimo (5)*, *Bom (4)*, *Razoável (3)*, *Ruim (2)* e *Muito Ruim (1)*.

Ressalta-se que todos os participantes diretos e indiretos dessa pesquisa, como as guias do Museu e a própria diretoria foram esclarecidos sobre os apontamentos éticos que esta pesquisa envolve, como por exemplo, o sigilo de todos os sujeitos, bem como a importância da realização dessa pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da intensa observação de inúmeras exposições mediadas pelas guias, foi possível sistematizar suas práticas, bem como avaliá-las.

3.1 Sistematização da mediação na sala de paleontologia do Museu Dom José

Um fato curioso da observação feita sobre a mediação na sala de paleontologia é que ela não era sistematizada, não seguindo um “roteiro” de apresentação da exposição, sendo perceptível uma certa aleatoriedade quanto a sequência lógica. Não havia um documento norteador que orientasse a mediação nesta sala, o que ocasionava em mediações diferentes de

acordo com cada guia que conduzia. Ressalta-se que ter um roteiro a se seguir não é sinônimo de deixar uma mediação/apresentação mecanizada, estática e imaleável, mas sim ter um embasamento e uma logística a ser seguida.

É óbvio que a depender do público tem que haver a devida adaptação de roteiro e linguagem para que haja a devida comunicação. Todavia, foi observado que mesmo para um só público, como alunos do Ensino Médio por exemplo, eram feitas abordagens diversas e as vezes bem discrepantes do ponto de vista da logística. Um exemplo era começar a mediação, ora pelos fósseis mais antigos, ora pelos mais recentes, ora começando por uma interação com perguntas, ora começando pela explicação do tempo geológico, ora começando pela explicação do que é a paleontologia.

A partir da observação simples feita durante várias exposições mediadas pelas guias, pôde-se sistematizar (Figura 1), já que as guias não dispõem de um plano ou documento norteador de sua própria prática. Segue abaixo os pontos abordados por elas:

A- Explicação sobre paleontologia,

B- Explicação sobre o conceito de fósseis (partes corporais) e as vezes icnofósseis (vestígios), enfatizando as vezes o processo de fossilização.

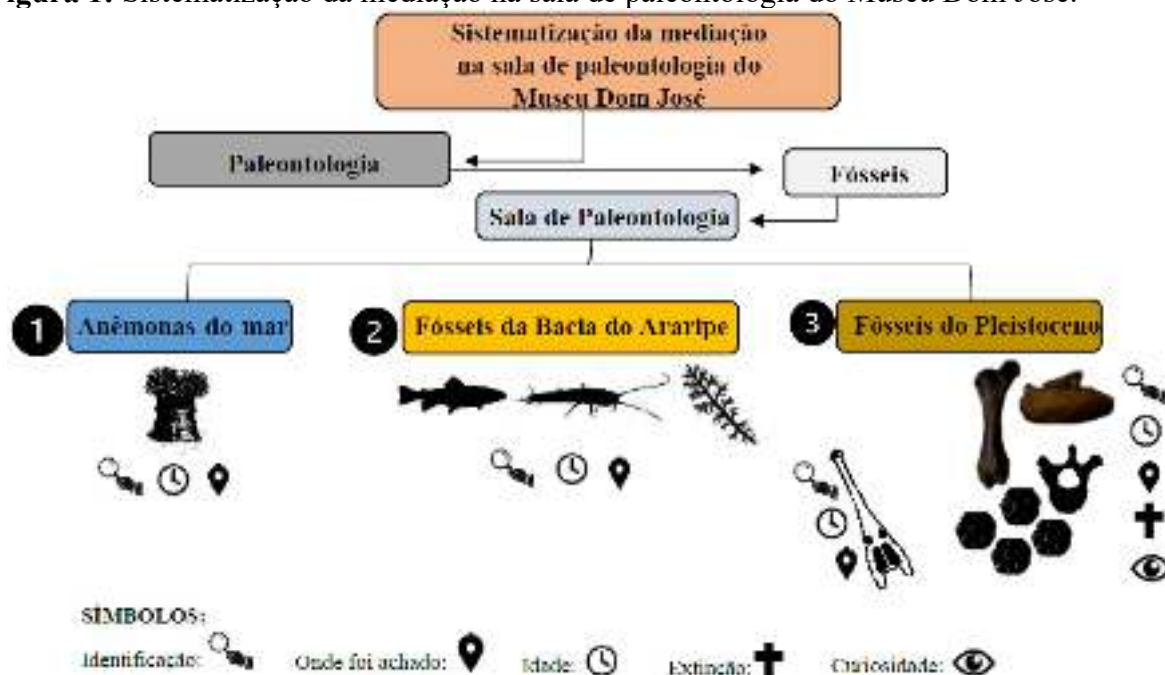
C- Explicação dos fósseis de Anêmonas-do-mar (identificação, idade, localização de onde foi achado).

D- Explicação dos fósseis da Bacia do Araripe (identificação, idade, localização), com exemplares de peixes, insetos e plantas fossilizados.

E- Explicação sobre o crânio do crocodilo (réplica, data, localização de onde foi achado).

F- Explicação dos fósseis da Megafauna e de seus fósseis (identificação, idade, localização), como também, fala-se algumas curiosidades sobre seus tamanhos e suas possíveis causas da extinção. Consta na exposição fêmur e fragmento dentário de *Mastodonte* (parente dos elefantes), osteodermos (carapaça) de *Gliptodonte* (tatu gigante) e vértebra de *Eremonterium* (preguiça gigante).

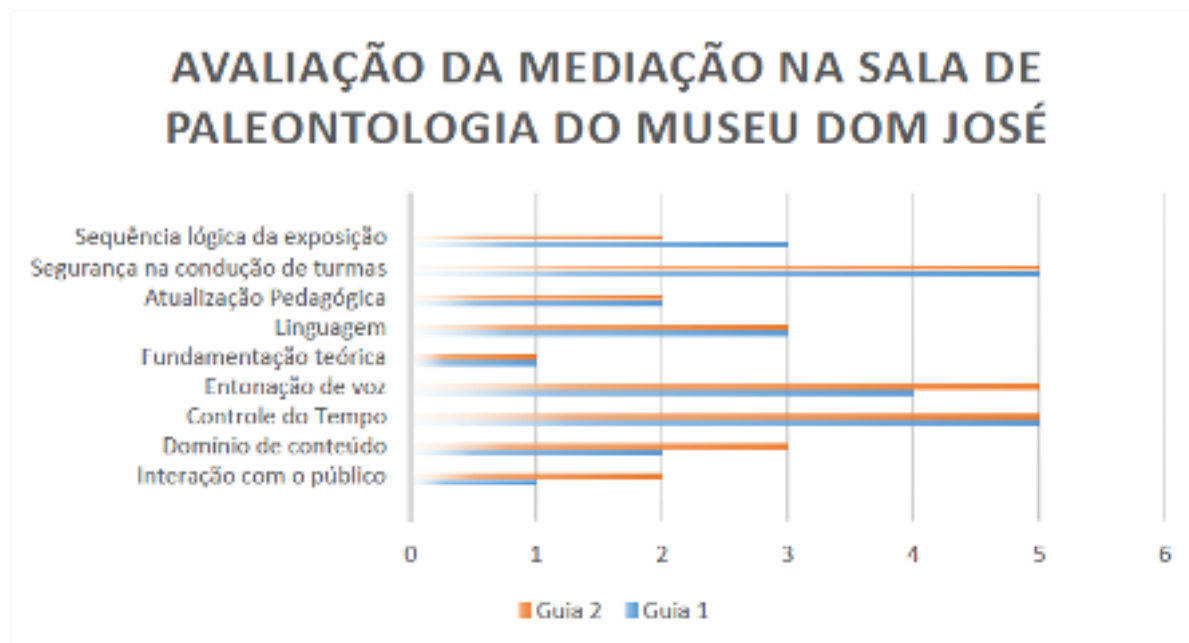
Figura 1: Sistematização da mediação na sala de paleontologia do Museu Dom José.



3.2 Avaliação da mediação na sala de paleontologia do Museu Dom José

Depois de acompanhar as guias nas exposições, foram avaliados alguns pontos conforme o Gráfico 1 abaixo.

Gráfico 1: Avaliação da Abordagem Pedagógica Atual na sala de exposição de paleontologia do Museu Dom José, com as seguintes possibilidades: *Ótimo* (5), *Bom* (4), *Razoável* (3), *Ruim* (2) e *Muito Ruim* (1).



Fonte: Autor(es).

Na avaliação considerada como *ótimo* (5) tem-se os pontos: segurança na condução das turmas, por conta da larga experiência em expor os fósseis da sala e conseguirem ter domínio da turma; a entonação de voz e controle do tempo, também foram assim bem avaliadas por conta de que, mesmo estando com turmas grandes, sempre dava para ouvir de maneira nítida as explicações, quanto a questão do tempo, em que elas eram fiéis ao tempo proposto de fazer a mediação dentro do tempo estipulado de 10 minutos no máximo.

Já com relação a avaliação considerada como *razoável* (3), tem-se os pontos: domínio do conteúdo, por conta da oscilação em responder perguntas do público, ora de maneira satisfatória e ora de maneira superficial; a linguagem, por conta da utilização simplória no uso de alguns termos, bem como, as vezes a não utilização adequada de um determinado termo; sequência lógica da exposição, por conta de que, apesar do fato das guias trocarem experiências pedagógicas, não havia uma sequência lógica bem definida, como também não havia um alinhamento entre as guias no quesito de como mediar a sala de paleontologia. E por fim, a questão do domínio do conteúdo, foi assim avaliado já por conta de uma limitação de formação quanto nas dificuldades de gestão da formação continuada no assunto.

Na questão da interação com o público, foi avaliado como *ruim* (2), muito por conta de que às vezes as turmas são grandes e elas contam com um tempo limitado por sala e a duração da exposição/mediação de todas as salas demora cerca de uma hora até uma hora e meia. A interação fica mais a cargo do público por meio de dúvidas e comentários realizados.

Sobre a interatividade presente nos museus, Moraes *et al.*, (2007, p. 59) afirmam que “todos os museus, independentemente de sua denominação são interativos. Os sujeitos interagem ao estabelecerem diálogos entre seus conhecimentos prévios e o mundo do museu, sem necessariamente tocarem nos objetos”.

E no caso da fundamentação teórica, foi avaliado como *Muito Ruim* (1) haja vista que elas sabem das informações, mas não sabem explicar determinados processos ou conceitos. Esse ponto está intimamente ligado a formação continuada, já que é uma área que foge da formação inicial delas (pedagogia e recursos humanos).

As guias atuam em uma instituição de ensino e pesquisa (Museu) participando assim dos processos formativos da educação (LDB, 1996), portanto, elas devem possuir competências para o ensino. Perrenoud (2000) ressalta a necessidade de competências (um saber necessário) para o ensino, uma delas é a necessidade de uma administração da sua própria formação contínua. Isso é de extrema importância, justamente para que o profissional possa remodelar-se, pois o conhecimento científico é constantemente atualizado, necessitando-se de uma atenção em tal evolução.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Museu Dom José caracteriza-se por ser uma instituição de lazer e aprendizado, onde suas peças podem até ser antigas, algumas de milhões de anos literalmente, mas o conhecimento promovido por meio das exposições deve ser alvo de reflexões para a promoção de um conhecimento novo e atualizado. Toda e qualquer prática pedagógica é susceptível a discussão e reflexão.

Percebeu-se neste trabalho, a importância de se fazerem observações com objetivos sobre as mediações realizadas, através delas constatou-se algumas limitações com relação a mediação na sala de exposição do Museu. Primeiro que não havia uma sistematização da prática pedagógica da mediação na sala de paleontologia, sendo elas assistemáticas.

Por seguinte, de acordo com avaliação realizada, a maior limitação identificada, foi no ponto de embasamento teórico que reflete na formação continuada das guias. O que faz refletirmos sobre qual a participação institucional no auxílio da formação continuada das guias? E quais as ações de formação são promovidas? É bem verdade que um dos apoios na formação continuada das guias eram a contínua troca de experiências entre os bolsistas do laboratório de paleontologia da Universidade Estadual Vale do Acaraú com as guias do Museu.

Abre-se desta forma, perspectivas de trabalhos futuros, tanto para o Museu Dom José, nas reflexões da mediação de outras salas, já que cada sala de exposição possui suas peculiaridades, necessitando de práticas adequadas e coesas, quanto para outros Museus do Brasil que especialmente contenham uma sala de exposição de paleontologia para que possam refletir sobre a mediação neste tipo de exposição e sobre suas formações continuadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9.394/96.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso 05 Jan 2024.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6º ed. Rio Grande do Sul: Atlas, 2008.
GIONANA, S. **Museu Dom José.** Sobral: Sobral Gráfica Ltda, 2007.

MORAES, R. *et al.* **Mediação em museus e centros de ciências:** o caso do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS. Massarani, L., Merzagora, M., Rodari, P. (Org.). **Diálogos e Ciência: mediação em museus de ciências e centros de ciências.** Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2007.

NEVES, J. L. Pesquisa Qualitativa-Características, uso e possibilidades. **Caderno de pesquisa em administração**, 1(3): 5. 1996.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

VIANA, M.S.S. (Org.). **Atlas de Paleontologia: Fósseis da Região Norte do Estado do Ceará**. Sobral: Edições UVA, 2018.

VIANA, M.S.S.; OLIVEIRA, G.C.; CHAVES, A.P.P.; BARROSO, F.R.G. Resignificação dos fósseis no Museu Dom José. **Revista Historiar** - Revista Eletrônica do Curso de História Universidade Estadual Vale do Acaraú, v. 5, p. 67-79, 2013